

Configurações familiares e relações étnicas no Senegal: uma leitura psicanalítica

Family structures and ethnic relations in Senegal: a psychoanalytic reading

Robenilson Moura Barreto
Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

Cabe elencar aqui alguns pontos importantes nos quais nos debruçamos para pesquisar e realizar a apresentação deste trabalho nesta que é a XXXIV edição da Jornada de Psicanálise do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG) com o tema “Laços familiares: um enigma”. Um dos pontos é refletir sobre configurações familiares pouco estudadas pela teoria psicanalítica em culturas africanas em contribuição com diferentes campos do conhecimento. Outro ponto foi possibilitar um confronto com a psicanálise a partir de uma sociedade com tradições e práticas não europeias e ocidentais. Assim, há que se perguntar a todo momento como se constitui o Édipo. Essa estrutura nuclear da psicanálise na sociedade com etnias distintas, como a tribo dos Wolof na República do Senegal, mais especificamente na cidade de Dakar. E por fim, pensar numa clínica analítica a partir do referencial freudiano, com sujeitos estrangeiros de diversos países e etnias do continente africano diante do movimento transitório e migratório nos últimos anos em todo mundo. Nesse sentido, escolhemos trazer para base desta reflexão o livro *Édipo africano*.

Palavras-chave: Família, Senegal, Relações étnicas.

Introdução

Defronte a um debate espinhoso para alguns campos do conhecimento na história moderna, apresentamos algumas questões a respeito da violência sistemática e ideológica tomada pela humanidade em torno do racismo, do preconceito e da discriminação racial em sujeitos negros. Um debate que se configura como um caminho importante para a compreensão das relações raciais na diáspora americana e no continente africano.

Não por acaso, o esforço para se debruçar diante do conhecimento sobre o imenso

e imperioso continente africano, ao qual antecederam a colonização no Brasil e os mais de 300 anos de escravidão negro-africana sob a égide da exploração europeia, está na produção ínfima do conhecimento psicológico e psicanalítico em seu território. Nunca é demais lembrar, que esse continente trouxe grandes contribuições para formação cultural e histórica do Brasil.

O silenciamento das instituições de ensino e de pesquisa a respeito do imenso continente africano por meio de suas concepções ideológicas eurocêntricas contribui para a

sedimentação da exclusão de temáticas ligadas às questões étnico-raciais, e a reprodução de preconceitos e práticas racistas. Essa posição acaba por ser uma forma eficaz de cerceamento de referenciais positivos necessários à formação universal do conhecimento dentro dos espaços acadêmicos, considerados de privilégio e de poder.

Estudos recentes de Sacco, Couto e Koller (2016) mostram o número relativamente baixo de publicações de pesquisas da psicologia brasileira sobre preconceito racial, assim como as lacunas identificadas nas pesquisas publicadas entre 2001 e 2014 revelam que, longe de estar saturado, esse campo de estudo ainda tem muito a se desenvolver no País.

Com isso, temos uma questão: Por que se pesquisa tão pouco sobre psicologia e relações raciais no Brasil?

A história do movimento psicanalítico pelo mundo nos revela que a incipiente e tímida entrada da psicanálise na África negra é um recorte desse contexto. O livro *História do movimento psicanalítico*, de Chemouni (1990), que apresenta a introdução da psicanálise em outros países, em especial no continente africano, mostra que, a exemplo da África do Sul, a terapia psicanalítica é praticada. Contudo, não foram encontrados estudos e elementos que revelem a sua importância naquele país.

Na região que denomina de “África Negra”, o autor evidencia os países colonizados e sob o domínio dos franceses, em que a psicanálise não é ignorada, mas praticada por voluntários europeus.

Por que a psicanálise não é desenvolvida e aplicada pelos povos africanos em seu território?

O que explica a acanhada entrada da psicanálise realizada por voluntários europeus na chamada “África Negra”?

Assim, revela que, para a prática da psicanálise ser eficaz, é preciso considerar a cultura autóctone. Reafirmando a pesquisa anteriormente citada, acrescenta que nos estudos e nas pesquisas não encontraram psicanalis-

tas africanos de formação aprofundada.

Cada vez mais, povos de diversas etnias do continente africano atravessam o continente a busca de novos rumos na diáspora por diversos motivos. Contemporaneamente, a migração vem se constituindo como um fenômeno de relevância no debate sobre o sofrimento psíquico diante do rompimento das dinâmicas culturais de suas regiões e o deslocamento forçado de populações africanas motivado por conflitos, perseguição política a minorias e o consequente colapso econômico em sua pátria-mãe.

A África se caracteriza por grandes fluxos migratórios intracontinental e intercontinental. Esse fluxo migratório se apresenta como um fenômeno que tem uma relação íntima com a pobreza e com as guerras civis geradas desde o processo de colonização.

Diante de uma realidade atrelada ao rompimento forçado e gerado por esses conflitos, existe também um processo de migração estudantil de africanos nas universidades federais brasileiras.

Como exemplo disso, existe a Casa Brasil África (CBA), que foi proposta pelo Grupo de Estudos Afro-Amazônico da Universidade Federal do Pará (NEAB-UFGPA), criada através da Portaria n.º 3313/2006 e vinculada à Pró-Reitoria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pará (PROINTER/UFGPA), que tem como um dos seus objetivos apoiar os estudantes negros e africanos em suas atividades acadêmicas e culturais, sobretudo, fomentar sua participação em todos os espaços institucionais e acadêmicos.

A problemática das imigrações abarca uma discussão que versa sobre novas construções identitárias no Brasil e novas experiências coletivas nas interações culturais discussão chamada ‘diáspora do atlântico negro’ (GILROY, 2001).

Nesse sentido, a construção de novos referenciais identificatórios se apresenta como um elemento presente na migração africana na medida em que traz uma problemática racial para as relações sociais de vivência do

migrante. E essas relações serão mediadas pela construção subjetiva e discursiva em torno da raça/cor.

Dessa forma, é no Brasil que a experiência de preconceito e discriminação racial se dará de forma concreta, com a falsa ideia do mito da democracia racial brasileira de que o brasileiro é acolhedor e recebe bem todos os imigrantes, o que não corresponde à realidade no caso de haitianos e desses negros africanos, vítimas de racismo em território brasileiro.

Assim, segundo Moore (2008), as relações com a cultura e a identidade cultural de um povo não se refletem unicamente pela construção de sua história, mas uma história que encarna uma maneira peculiar de ser e de estar no mundo. A história se materializa como um elemento fundante de novas vivências no território de um povo.

Etnopsicanálise

Assoun (1993) nos mostra que Freud tinha o desejo de descobrir uma “clínica da cultura” para além dos estudos de casos e estudos clínicos individualizados. Esse desejo aparece descrito nos textos em *Totem e tabu* (1913), *O mal-estar na civilização* (1930), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *Moisés e o monoteísmo* (1939).

Pouco difundida no Brasil, a palavra “etnopsicanálise” é uma disciplina científica que conjuga antropologia e psicanálise na teoria e na prática terapêutica. Essa questão tem sido trabalhada de forma bastante expansiva no contexto europeu (BARRO; BAIRRÃO, 2010).

O desejo de ampliar os estudos etnopsicanalíticos no Brasil remonta a significativa presença no Brasil de sujeitos negros do continente africano, sobretudo diante das relações raciais de desigualdade socioeconômica e de sofrimento psíquico estabelecidas entre brancos e negros na condição pessoas estrangeiras.

Barro e Bairrão (2010) nos mostram que os trabalhos de autores etnopsicanalistas como Nathan e Rose Moro defendem não

apenas a prática de uma “clínica transcultural” também destinada à população majoritariamente imigrante, mas também o reconhecimento de que essas pessoas possuem outras formas de se cuidar e tratar, que fazem parte de seu sistema cultural de origem.

Esses trabalhos se revelam bastante significativos para uma população que sofre no contato com a cultura francesa, marcada por forte racismo, principalmente contra as populações de origem árabe e africana.

Mas há que considerar que se trata de uma prática pensada a partir de populações imigrantes em uma sociedade europeia. Ou seja, é importante ressaltar que essas práticas foram construídas em resposta a esse contexto, por isso não podem ser transpostas para a realidade brasileira, apesar de contribuírem para uma reflexão teórica e prática.

O livro *Édipo africano*, que é fruto desse estudo, é o resultado de quatro anos de trabalho clínico dos franceses Marie-Cécile Ortigues, psicanalista, e Edmond Ortigues, filósofo, (1989) no Hospital Psiquiátrico de Dakar, a partir de um estudo etnopsicanalítico.

Os autores percebem a especificidade da dinâmica psíquica do contexto simbólico africano, que abre todos os caminhos importantes para a produção teórica em psicanálise e, ao mesmo tempo, testar a validade de instrumentos teóricos produzidos por Freud.

Segundo Reis Filho (2006), a etnopsicanálise nasceu da junção da psicanálise com a etnografia. Trata-se de uma disciplina científica que conjuga antropologia e psicanálise com o objetivo de estudar não só os distúrbios psicopatológicos ligados a uma cultura específica, mas também a maneira como essas diferentes culturas classificam e organizam as doenças psíquicas.

Ortigues e Ortigues descrevem de forma precisa o choque cultural entre europeus e africanos quando foram desenvolver um trabalho no hospital de Fann em Dakar, no Senegal, no período de 1962 a 1966.

Marie-Cécile recebia famílias que lhe traziam basicamente crianças e adolescentes

encaminhados por médicos do hospital ou professores dos municípios. O que chama a atenção no estudo é o enfrentamento dos pesquisadores para o desafio de praticar uma psicanálise numa sociedade com tradições e práticas não europeias e ocidentais. A todo momento ela se perguntava como se constitui o Édipo, essa estrutura nuclear da psicanálise numa sociedade com etnias distintas como a tribo dos Wolof.

Os Wolof e suas configurações familiares

A composição das origens étnicas dos Wolof é muito complexa.

Tende-se a considerar este grupo como uma amálgama de diversas raças: Serer, Toucouleur, Peul, Sarakolé. Sua unidade foi constituída pela história (MARTIN, 1964, p. 35).

Vindos de Fouta Toro, no século XIV, os Wolof estão constituídos no vasto império que reúne Dyolof, o Cayor, o Oualo, oBaol e o Sine-Saloum. Mas a desagregação desse império foi rápida e, até a conquista colonial, guerras sangrentas envolveram pequenos reinos independentes.

Em 1544 os portugueses descobrem Cabo Verde e em 1634 é criado o primeiro estabelecimento francês. Ingleses, holandeses e franceses disputaram em seguida os primeiros fortes e os primeiros negócios. Foi Faidherbe quem conquistou e organizou administrativamente o Senegal, cuja unidade ocorreu em 1892.

A introdução ao islamismo é muito antiga e marcada pelos séculos X e XI, mas há somente um século que assistimos a sua expansão rápida por meio de uma conjuntura globalizada. As seitas se desenvolvem muito, e uma delas (a seita múrida) nasce no centro da região Wolof.

Antigamente o lugar de chefe era herdado por linha materna, embora a nobreza da linhagem paterna fosse requisitada para poder reinar. Atualmente, sob a influência do islamismo, a linhagem paterna prepondera

incontestavelmente. A herança e a sucessão são patrilineares. A residência é virilocal. O pai ou, na sua falta, o irmão mais velho tem autoridade sobre a descendência paterna. Todavia, um ego doente ou em dificuldade busca auxílio na linhagem materna. O casamento preferencial é com a prima cruzada; em segunda posição vem o casamento com a prima paralela patrilinear.

As mulheres eram influentes no governo. O Linger ou Rainha Mãe era a cabeça de todas as mulheres wolof e muito influente na política estadual. Ela possuía um número de aldeias e fazendas de cultivo que pagavam tributos diretamente a ela. Havia também outros chefes do sexo feminino, cuja principal tarefa era julgar os casos envolvendo mulheres.

No estado Walo mais ao norte do império, as mulheres podiam aspirar ao cargo político e governar o Estado. Entre os primos cruzados assim como entre os Wolof e os Serer, existe uma relação de parentesco fácil. As divisões tradicionais das castas subsistem, mas talvez seja menos rígida que no ano passado.

Os Wolof constituem a etnia dominante no Senegal, que corresponde a 37% da população, dos quais quase um terço é urbanizado. Entre eles se encontra a maior proporção de funcionários e comerciantes. Muitos senegaleses se dizem Wolof embora não sejam, para indicar que são urbanizados, aculturados e instruídos.

O complexo de Édipo nas etnias Wolof

O complexo de Édipo constitui uma das problemáticas fundamentais da teoria e da clínica psicanalítica. Na teoria psicanalítica, o momento crucial da constituição do sujeito gira em torno do mito edipiano. Com isso, a conjuntura do núcleo das neuroses se apresenta como ponto fundamental da sexualidade humana.

Além disso, o Édipo a partir do qual o sujeito irá se estruturar e se organizar circula em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de

castração. Nesse entorno da constituição do sujeito, o complexo edípico também anuncia, ao mesmo tempo, a presença de um outro em sua formação.

Para Laplanche e Pontalis (2001, p. 11) o complexo de Édipo apresenta-se como um:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo.

Ainda segundo os autores, Freud revela que o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia.

Desse modo, os dados encontrados pelos autores da investigação clínica lhes impuseram um problema do complexo de Édipo nas etnias Wolof. Em todos os casos observados, mesmo quando se tratava de crianças criadas por tios maternos e mesmo que as crianças não tivessem conhecido seu pai, a referência ao pai se impunha de maneira explícita e central. De maneira tipicamente diferente do modelo tradicional na sociedade ocidental.

A figura paterna tendia a se assemelhar à de sua própria faixa etária; a fantasia da morte do pai tendia a se relacionar com o ancestral, ou seja, com o pai já morto inatacável representando uma autoridade da tradição.

Portanto, a rivalidade tendia a se deslocar para os irmãos, ou aqueles que são chamados de “os iguais”, ao mesmo tempo que a agressi-

vidade recalcada pela lei da solidariedade se transformava em interpretações persecutórias. Esses indicativos analisados na observação clínica chamaram a atenção dos autores para um fato central, ou seja, a importância da religião dos ancestrais.

No entanto, essa religião como um elemento regulador e orientado dessa dinâmica psíquica limita a demanda de psicoterapia analítica ao propor uma solução ritual para os dois problemas principais. Por um lado, faz ver na ocorrência do mal (físico e moral) um sinal adivinhatório; por outro lado, revela nas origens da vida a fonte de uma autoridade que une os vivos e os mortos numa mesma comunidade transmitida de geração em geração.

Nesse contexto, parece que o ponto comparativo seria o estudo das tradições coletivas com as observações clínicas no ponto em que possam se encontrar. Contudo, ambas mostraram que as questões fundamentais da humanidade, da origem e da falta estão incluídas nos laços humanos. (CECCARELLI, 2012)

A rivalidade edípica apresentada deslocada para os irmãos ou outros próximos como os tios, os primos e essas relações é mediada pelo que o autor chama de feitiçaria e pela bruxaria. Algo que podemos pensar, por exemplo, numa configuração familiar de um culto de religião de matriz africana na diáspora, aos ancestrais/antepassados (orixás, inquices, voduns, caboclos, eguns, entre outros).

Essas observações clínicas nos orientam para uma dinâmica psíquica diante da importância da religião de matriz africana. A religião apareceu como um limitador da psicoterapia analítica ao propor uma solução ritual para duas questões principais: por um lado, faz ver na ocorrência de algum mal (físico ou moral) um sinal adivinhatório, por outro lado, revela na origem da fonte da vida uma autoridade que une os vivos e os mortos numa mesma comunidade. Podemos perceber essa relação nas comunidades de religiões de matriz africana com os jogos de Ifá e nas celebrações aos orixás em festas no Ilê Axé (casa de força, energia).

Nesse sentido, tanto as observações clínicas quanto os estudos das tradições coletivas nos mostram que as questões fundamentais da humanidade – origem e falta – estão incluídas na formação dos laços humanos.

Uma análise psicanalítica

Cécile e Edmond Ortigues (1989), numa proposta bastante ousada articulam a psicanálise e etnologia, duas ciências com demandas distintas. Esse, acreditamos, é o desafio colocado para psicanálise nos últimos tempos. O etnólogo quer saber, pergunta, demanda. O psicanalista, pelo contrário, acolhe a demanda, escuta.

Com a finalidade de pesquisar como as referências culturais podem se tornar operatórias na clínica, perguntavam sobre o que é resolver uma situação edípica numa sociedade onde a função simbólica do pai permanece ligada à do ancestral.

Verificam que a sociedade africana é uma sociedade onde a castração é vivida no registro da obediência à lei dos mortos, à lei dos ancestrais. Obedecer equivale a ser excluído, abandonado pelo grupo. Desse ponto de vista, o conhecimento etnográfico contribui de forma significativa para uma escuta psicanalítica.

Reis Filho (2006) diz que ficar preso ao discurso etnológico pode reduzir a psicanálise a um culturalismo compreensivo, o que faria perder o seu modo próprio de operar e suas referências teóricas específicas, tornando o analisante um informante de fatos sociais.

Reis filho (2006) nos lembra ainda que, quando um analista trabalha numa cultura diferente da sua, ele ilustra uma característica essencial da atitude analítica, já que nenhuma proposição pode ser compreendida sem que haja uma referência ao contexto familiar, social e cultural.

Ainda assim, acredita que o trabalho clínico não precisa ser precedido de uma informação sociológica profunda, pois, embora um mínimo de informação seja necessário,

o que mais importa é sustentar a posição transferencial do analista.

Ortigues e Ortigues (1989) puderam estabelecer isso ao verificar o transe religioso animista senegalês, no qual o sujeito se vê confrontado com o sobrenatural. Eles não se deixaram seduzir pelas identificações imaginárias que fazem da cerimônia um espetáculo. Buscam nas fontes autenticamente religiosas e sociais do rito o ponto mais fecundo de aproximação com a psicanálise.

Os autores ainda nos advertem que em qualquer cultura ou país lidamos com subgrupos que partilham valores e representações diferentes, trazendo para o trabalho analítico cotidiano o desafio de lidar com as diferentes culturas e a singularidade de cada analisante na sua relação transferencial: o analista é um estrangeiro.

Considerações finais

Os estudos realizados na década de 1960, que foram apontados no livro *Édipo africano*, de Marie-Cécile e Edmond Ortigues, apresentam uma cultura que se estabelece uma relativa frequência ou uma absoluta ausência de uma certa organização psicopatológica, que pode ser observada nas populações étnicas da República do Senegal.

A que fatores atribuir um modelo peculiar de organização social e familiar? Esses fatores devem ser de natureza psíquica e devem possuir uma articulação com o sistema social do grupo considerado, já que se trata de características particulares desse grupo.

Desse modo, o trabalho mostra que a lei é instaurada mesmo numa cultura onde quem exerce a função de pai simbólico não é um sujeito adulto, mas uma árvore que representa os ancestrais. São conteúdo, modos operantes específicos de cada cultura transmitidos a gerações seguintes e que organizam as experiências dos sujeitos nessa cultura. Essa relação com os aspectos culturais e a organização psíquica desses povos, assim como no Brasil, precisa ser considerada no contexto de análise da dinâmica psíquica.

Abstract

It is to list here, some important points by which worked through in researching and performing the presentation of this work in this, the XXXIV edition of the Day of the psychoanalysis Psychoanalytic Circle of Minas Gerais (CPMG) with the theme "Family ties: a puzzle". One of the points reflect on family configurations understudied by psychoanalytic theory on African cultures in contribution with different field of knowledge. Another important point was to make possible a confrontation with psychoanalysis, from a society with non-European and Western traditions and practices. So having to ask all the time as it is the Oedipus. This core structure of psychoanalysis in society with different ethnic groups such as the Wolof tribe in Senegal, specifically in the city of Dakar. Finally, think of an analytical clinic, from the Freudian framework, with foreign subjects from different countries and ethnic groups of the African continent before the transition and migration in recent years worldwide. In this sense, we chose to bring the basis of this reflection, the Oedipus African book.

Keywords: Family, Senegal, Ethnic Relations.

Referências

ASSOUN, P. L. *Freud e as ciências sociais: psicanálise e teoria da cultura*. São Paulo: Loyola, 2008.

BARRO, M. L.; BAIRRÃO, J. F. M. H. Etnopsicanálise: embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 45-54, jan.-jun. 2010.

CECCARELLI, P. R. Mitos, sexualidade e repressão. *Ciência e Cultura, Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, Campinas, v. 64, n. 1, p. 31-35, 2012.

CHEMOUNI, J. *História do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

GILROY, P. *O Atlântico negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo; Rio de Janeiro: Ed. 34; Universidade Cândido Mendes - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTIN, V. *Notes d'introduction à une étude socio-religieuse des populations de dakar et de Sénégal*. Dakar: Fraternité Saint-Dominique, 1964.

MEZAN, R. *À sombra de Don Ruan e outros ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MOORE, C. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ORTIGUES, M.-C.; ORTIGUES, E. *Édipo africano*. São Paulo: Escuta, 1989.

PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REIS FILHO, J. T. *Escravo psíquico - negritude e psicanálise*. 2005. 142 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SACCO, A. M.; COUTO, M. C. P.; KOLLER, S. H. Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. *Temas em Psicologia*, v. 24, n. 1, p. 233-250, 2016. Publicação semestral da Sociedade Brasileira de Psicologia.

Recebido em: 07/11/2016

Aprovado em: 01/12/2016

Sobre os autores

Robenilson Moura Barreto

Psicólogo.
Especialista em Educação Especial e Inclusiva.
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA na linha de pesquisa Psicanálise, Teoria e Clínica.
Pesquisador do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental da Universidade Federal do Pará (LPPF/UFPA).

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo. Psicanalista.
Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris 7 - Diderot.
Pós-doutor por Paris 7 - Diderot.
Chercheur associé da Universidade de Paris 7 – Diderot.
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.
Membro fundador da Rede Internacional de Psicopatologia Transcultural.
Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.
Membro da Société de Psychanalyse Freudienne, Paris.
Membro do Núcleo de Estudos Freudiano, Belém/PA.
Pesquisador Associado do LIPIS (PUC-RJ).
Professor Adjunto IV da PUC Minas.
Professor e orientador de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPA.
Professor e orientador de pesquisa no Mestrado Profissional de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG.
Diretor científico do Centro de Atenção à Saúde Mental (CESAME) <www.cesamebh.com.br>.
Membro do Projeto Antártico Brasileiro.
Membro da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Regional de Psicologia da 4ª
Pesquisador do CNPq.

Endereço para correspondência

Robenilson Moura Barreto

E-mail: <robenilsonbarreto@hotmail.com>

Paulo Roberto Ceccarelli

E-mail: <paulorcbh@mac.com>